

# ENTRE A LAVOURA E O RIO: TRADIÇÃO E (DES)CONTINUIDADE FAMILIAR EM *LAVOURA ARCAICA* E “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”

Rosicley Andrade Coimbra  
Mestrando em Letras – Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: Este artigo propõe abordar a presença de uma tradição da descontinuidade dentro do romance *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar, e do conto “A terceira margem do rio” (1962), de João Guimarães Rosa. A hipótese é de que ambas as obras mimetizam o choque entre a vontade do pai e o desejo do filho. Dessa forma, tanto *Lavoura arcaica* como “A terceira margem do rio” podem ser tomados como textos que tematizam uma ruptura com a tradição familiar, interrompendo com isso o fluxo vital de uma continuação, posto que os filhos, ao se escusarem à vontade do pai, também não deixam descendentes, tornando-se estéreis. Como consequência tem-se o desaparecimento dos traços da paternidade que testemunhariam uma existência, uma vez que os filhos seriam aqueles que protegeriam os pais da morte. Assim, a partir do instante em que se quebra esse fluxo contínuo instala-se uma nova tradição, calcada na descontinuidade.

Palavras-chave: Raduan Nassar – *Lavoura arcaica*. Guimarães Rosa – “A terceira margem do rio”. Tradição familiar – Tema literário.

Abstract: This article proposes to approach the presence of discontinuing tradition in the novel *Lavoura arcaica* (1975) by Raduan Nassar and the short story “A terceira margem do rio” (1962) by João Guimarães Rosa. The hypothesis is that both of works represent the shock between the father’s will and the son’s desire. So as *Lavoura arcaica* as “A terceira margem do rio” can be taken as texts that demonstrate a break of familiar tradition, interrupting the vital flux of a continuation, once that the sons refuse the father’s will and don’t let descendant, become themselves sterile. As consequence we have the disappearing of father’s traces that witness an existence, once that the sons would be those who protect fathers against the death. This way from the instant that this continuing flux is broken a new tradition emerges based on discontinuing.

Keywords: Raduan Nassar – *Lavoura arcaica*. Guimarães Rosa – “A terceira margem do rio”. Familiar Tradition – Literary Theme.

Todas as famílias felizes se parecem entre si; as infelizes são infelizes cada uma à sua maneira.

Leon Tolstói

## Introdução

O que definiria a continuação de uma família? Os laços de sangue ou as semelhanças? A segunda opção seria a mais acertada, uma vez que os laços de sangue nem sempre são garantias para que o legado de um clã perdure. As semelhanças, presentes não só nos

traços físicos, mas também nos trejeitos e atitudes da prole, dariam maior consistência à ideia de uma continuidade do núcleo familiar – a prosaica expressão “saiu igualzinho ao pai” ou “puxou ao pai” pode perfeitamente confirmar tal afirmação. O filho primogênito é, desde sempre, a imagem especular do pai: ele nasce como promessa de continuação do legado patriarcal. Será o pai “esculpido e encarnado” futuramente. Portanto, esse filho será o sucessor do pai e dará segmento a sua tradição. Tendo isso assegurado, o pai permanecerá numa esfera harmônica, podendo “descansar em paz”, pois acredita que terá uma continuidade através do filho. Conforme constatou Walnice Nogueira Galvão, “a continuidade da espécie é garantida pela sucessão das gerações, cuja suma é a relação pai/filho e filho/pai” (1978, p. 39). Sob esse aspecto, a semelhança garantiria a continuidade e, conseqüentemente, a repetição do modelo paterno, que não seria interrompido com a morte, mas sim protegida pela geração posterior.

Contudo, pensar o oposto do que foi afirmado acima também é válido. O que acontece quando o filho se mostra o reverso da imagem que o pai idealizou? Não saiu “à sua imagem e semelhança”, pelo contrário, é o avesso de si? A continuação do clã se vê ameaçada por um **estrangeiro** que não vêm de fora, mas do próprio seio familiar. Esse **estranho** é a imagem especular da dessemelhança, a “ovelha negra” da família, encarnando, algumas vezes, um parente “esquecido” (propositadamente), que sequer é mencionado entre os demais. Assim, o filho que sai diferente à vontade paterna é distanciado dos demais e nem os laços de sangue dão conta de integrá-lo ao meio familiar: além de ser a descontinuidade, ele pode representar também a ruína iminente daquele núcleo. “Quando são demasiadas as diferenças, quebra-se a possibilidade de reconhecimento mútuo, fraturando o círculo familiar numa inquietante estranheza”, observa Flora Süssekind (1984, p. 21). Nesses casos, nem mesmo a semelhança física com o pai dá garantias de continuidade, o que pode fatalmente comprometer o círculo familiar, colocando em perigo a sobrevivência do legado patriarcal. “Quando não se consegue repetir o modelo paterno, não é apenas para o filho que se volta a maldição, mas para toda a família cujas pretensões de continuidade ficam ameaçadas”, sublinha mais uma vez Flora Süssekind (1984, p. 24).

Como consequência dessa não repetição do modelo paterno, observamos no filho a existência de uma frustração e a presença constante da culpa. O filho desobediente carregará um estigma, uma marca maldita que o acompanhará pelo resto de seus dias.

Nós o encontraremos sempre em meio à indagações: “[...] onde eu tinha a cabeça? não tenho outra pergunta nessas madrugadas inteiras em claro [...]” (p. 50) – revelará André, o narrador de *Lavoura arcaica* (doravante LA). “De que era que eu tinha tanta, tanta culpa?” (p. 41) – perguntará o narrador do conto “A terceira margem do rio” (doravante ATMR). É essa culpa que os põe em desassossego, deixando-os preso às memórias, procurando acertar as contas com o passado por meio da narração dos fatos. Assim, ambas as narrativas também podem ser vistas como tentativas de os personagens reaverem-se com o passado. Ora eles escavam as memórias como forma de resgatar uma pretensa unidade familiar perdida, ora buscam corrigir o “erro” por meio de um gesto que se pretende reparador do elo que se quebrou, tentando esboçar, por meio dessa ação, uma continuidade, mas que ao final se mostra frágil e inconsistente.

Essas são hipóteses que nos dão sustentação para pensar na existência de uma tradição da descontinuidade em LA e em ATMR. A expressão, que apesar de soar paradoxal, ajuda-nos a refletir a posição dos narradores dentro das referidas obras. A partir do momento em que entendemos a tradição, em sentido amplo, como “a transmissão de um modelo ou de uma crença, de uma geração à seguinte e de um século a outro”, supondo sempre “a obediência a uma autoridade e a fidelidade a uma origem” (COMPAGNON, 2010, p. 9), a presença da desobediência à vontade do pai se constituirá como uma forma de descontinuidade. Todavia, essa quebra do elo entre o passado e o presente, mais especificamente entre pai e filho, já é uma constante dentro da literatura moderna. Sob esse prisma, o crítico Octavio Paz sublinhará que: “Tradição não é continuidade e sim ruptura e daí que não seja inexato chamar à tradição moderna: tradição da ruptura”. Destacando em seguida que, na antiguidade, a continuidade “se manifestava antes pelo prolongamento ou persistência de certos traços ou formas arquetípicas nas obras” (PAZ, 2006, p. 134). Com o advento da modernidade a imitação dos modelos clássicos cede lugar à crítica e o novo passa a se opor ao antigo. Dessa forma, a modernidade pode muito bem ser entendida como uma ruptura com o passado. A expressão de Octavio Paz conjuga no seu paradoxo a ideia de que para ser moderno haveria sempre a imposição de um rompimento com o antigo. A ruptura se tornaria assim uma constante, portando-se como uma verdadeira continuidade, daí o termo “tradição da ruptura”.

Partindo disso, procuremos visualizar melhor as hipóteses esboçadas em alguns trechos das obras em questão. Principiemos com LA, destacando a figura de André, o narrador-

personagem, espécie de filho pródigo às avessas e contestador da autoridade paterna. Ao fugir de casa, André lança a paz doméstica no caos e a imprevisibilidade dessa ação culminará na des-união da família. E ainda, a partir do momento em que abandona a casa paterna, André também nega a lavoura, cuja imagem podemos tomar como simbolizando a continuidade. Sua recusa em seguir a lavoura cultivada pelo pai o torna um rebelde, rompendo em definitivo com a tradição deste.

Em seguida, busquemos observar elementos análogos em ATMR, cuja temática também está centrada na vida familiar. Mas, diferentemente de LA, nesse conto não temos um conflito explícito entre pai e filho, mas uma espécie de dilema do narrador em relação ao desejo do pai. O patriarca, que erra em uma canoa por longos anos, assente aportar em terreno firme tão logo o filho concorda em substituí-lo. Mas conforme se aproxima da margem vê esse mesmo filho fugir. Nessa narrativa é o rio quem se apresenta como símbolo de continuidade, quebrada somente com a presença da canoa – imagem da descontinuidade. Ao não entrar na mesma canoa do pai, o filho quebra um ciclo de renovação e continuidade por meio da substituição.

### ***Lavoura arcaica e os lugares à mesa***

LA apresenta em sua configuração um mundo totalmente rural, calcado, sobretudo, na atividade do trabalho, presente no próprio título do romance. A questão da tradição como continuidade e prolongamento perpassa toda a obra, reverberando nos discursos e posturas dos membros da família, que têm na figura do pai, homem de postura austera e comedida, o modelo de virtude e paciência. André, o segundo filho homem, desencadeia um movimento centrífugo ao questionar a autoridade paterna. Sua desobediência começa com a paixão proibida pela irmã Ana. Após ser preterido por esta, sua atitude mais imediata é a fuga de casa, desobedecendo assim à ordem do pai de não ultrapassar os limites bem guardados da fazenda, uma vez que o mundo de fora, o “mundo das paixões”, seria o “mundo do desequilíbrio” (p. 56), lugar onde as trevas imperariam, contrastando com a luz que haveria em casa; a felicidade estaria, segundo o pai, na família. No entanto, André ignora por completo os avisos do pai e franqueia os limites das cercanias da propriedade. A questão do incesto não será tratada aqui, posto que procuramos focar somente a fuga de André, por entendermos que esta foi a causa

primeira da des-união familiar, pois é somente após sua fuga que a família sente ruir seus alicerces. A partir do momento em que André ousou transgredir os limites geográficos da propriedade, desobedecendo as prescrições paterna, os demais filhos se põem em sobressalto, principalmente Lula, o mais jovem, que vê no irmão um modelo a ser seguido.

A constituição desse clã – sua árvore genealógica – pode ser claramente ilustrada por meio da disposição dos lugares à mesa, conforme mencionado pelo narrador André:

Eram esses os nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika, e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família (NASSAR, 1989, p. 156-157).

Dois galhos de uma mesma árvore representando duas linhas que se distanciam uma da outra. Ambos os lados são ligados pelos laços de sangue, porém, são separados pelas diferenças. Direito e esquerdo: destro e sinistro. O lado esquerdo sempre fora associado ao sombrio e àquilo que é errado: se Cristo está assentado à direita de Deus... à esquerda, quem fica? Os danados, imersos na perdição e sem salvação. André – que aqui se mostra assumidamente como um *gauche* –, juntamente com a mãe, Ana e Lula, senta-se à esquerda, fazendo parte do galho mais fraco, anômalo; por conseguinte, tanto ele quanto os demais jazem na perdição. As semelhanças e dessemelhanças são justificadas pelos lugares à mesa que podem, a qualquer instante, “romper com a continuidade da genealogia e com a identidade patriarcal”, indicando que nesse galho “não se seguirá mais nenhum broto, que pela árvore não circulará mais um sangue forte, mas uma seiva fraca, impotente” (SÜSSEKIND, 1984, p. 25).

Os lugares à mesa são determinados pelas semelhanças de comportamento, ou, em outras palavras, pela aproximação e obediência ao pai. Pedro, o filho mais velho será a continuação direta do pai, seu sucessor na lavoura. Ao passo que André, o segundo filho homem, será sua descontinuidade, junto com Ana e Lula, denegando assim o traçado

paterno. Pedro é semelhante ao pai, pois carrega(rá) consigo os gestos e as palavras do patriarca, fato notado *a priori* por André: “[...] era uma oração que ele [Pedro] dizia quando começou a falar (era o meu pai) da cal e das pedras da nossa catedral” (p. 18).

Dessa forma, Pedro difere largamente de André, que será “a ovelha negra que ninguém confessa, o vagabundo irremediável da família” (p. 120), fazendo parte da “confraria dos enjeitados, dos proibidos”, dos “que descendem de Caim” (p. 139), alarmará ele durante a conversa com a irmã Ana. E ainda, definirá a si e a ela “como vítimas da ordem” (p. 135), cuja única saída seria forjar tranquilamente suas máscaras, “desenhando uma ponta de escárnio na borra rubra que faz a boca” (p. 135). Para ser aceito ele teria que usar a máscara forjada pelo pai e que indicasse uma semelhança gestual com este, apontando e definindo aí uma continuidade através do trato da lavoura. Mas André distingue-se do pai e da família a partir do momento em que inscreve em sua *persona* (máscara) um riso de deboche, que sutilmente o diferenciaria dos demais. Assim, com um mínimo de sutileza (“uma ponta de escárnio”) ele próprio forjará sua máscara, criando uma **personalidade** difusa daquela esperada pelo pai, tornando-se um estranho, a ponto de arrancar do pai uma exclamação como: “Quero te entender, meu filho, mas já não entendo nada” (p. 165).

O patriarca busca no filho semelhanças consigo, mas não as encontra; não há reconhecimento, daí o desentendimento e a estranheza. “Ao olhar um filho e perceber nele um outro, um estranho, é com estranheza que se aprende a própria morte”, dirá Flora Süssekind (1984, p. 24). Entre André e o pai não há nenhum tipo de espelhamento, mas sim uma descontinuidade, indicando que a árvore familiar ali não frutificará e a lavoura será perdida. Nesses termos, podemos afirmar que André representa o des-aparecimento do pai, posto que uma unidade especular (espelhamento) não será encontrada no filho. Este não poderá ser considerado como feito “à imagem e semelhança do pai”. Pelo contrário, sua **individualidade** não o deixará ser uma pessoa como qualquer outra, portadora de uma *persona*, a máscara que o pai forjaria para o filho **aparentar** a si.

André personifica a própria “tradição da ruptura” mencionada por Octavio Paz. Sua postura de crítica o aproxima, em larga medida, do indivíduo da modernidade. A partir do momento em que põe a autoridade do pai sob suspeita, afirmando haver

inconsistências em seus sermões, André se inscreve como um ser que palmilhará seara diversa daquela do pai e da família. Sua recusa em fazer parte do mundo familiar o autoriza a ser um personagem romanesco, narrando não as experiências de outrem, mas as suas, tornando-se assim um indivíduo isolado e finito, posto não ser continuado.

### **“A terceira margem do rio” e a negação do pai**

O conto ATMR, incluído na coletânea *Primeiras estórias* também trará os dramas de uma família sempre guiada pela figura do pai, “homem cumpridor, ordeiro, positivo” e “quieto” (p. 36), conforme sublinha o filho mais velho e narrador do conto. Tudo ia bem até que um dia o pai resolve mandar fazer uma canoa e, tão logo concluída, embarca e passa a errar pelo rio. A despeito de todos os esforços para convencê-lo a retornar para terra firme, o pai permanece no rio, indo de um lado a outro. Assim, o tempo passa conforme depreendemos na fala do narrador:

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para a cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida (ROSA, 2008, p. 40).

Nada permanece como outrora: tudo muda, todos envelhecem. A própria família ganha outra configuração: a figura paterna, de certa forma, se torna ausente. Volta-se a uma “normalidade” e a vida procura seguir, ou melhor, “continuar” seu curso. Mas é uma normalidade aparente, pois a presença do pai se faz de maneira espectral e constante: “[...] não falávamos mais nele. Só se pensava” (p. 39). Sua presença dentro de casa surge como uma espécie de fantasma. Mesmo distante ele ainda é o patriarca. E o tempo continua a correr conforme o rio, deixando entrever, desde já, que se trata da imagem da constância e da inconstância da própria vida.

O tempo segue correndo como o rio! Imagem essa que fatalmente nos remete a LA, onde a metáfora do tempo como um rio é recorrente. Conforme diz o pai em um de seus sermões:

O tempo, o tempo, o tempo e suas águas inflamáveis, esse rio largo que não cansa de correr, lento e sinuoso, ele próprio conhecendo seus caminhos, recolhendo e filtrando de vária direção o caldo turvo dos afluentes e o sangue ruivo de outros canais para com eles construir a razão mística da história [...] (NASSAR, 1989, p. 184).

O tempo como sendo um fluxo contínuo e inapreensível é lugar-comum nos sermões paterno em LA. Constantemente, sua grandeza é sublinhada pelo pai, que procura inscrevê-la de maneira contrastiva diante da pequenez do homem: “ai daquele, dizia o pai, que tenta deter com as mãos seu movimento: será consumido por suas águas” (p. 185). Em ATMR, o tempo também “não cansa de correr” e a família acaba por se “acostumar” com a inesperada condição do pai, deixando avistar que não há nada que se possa fazer para mudar seu curso, tampouco trazer o pai para a margem seca.

Assim, todos vão embora, exceto esse filho mais velho que permanece na casa à beira do rio. E à medida que o tempo passa esse mesmo filho começa a ganhar os traços do pai.

Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia (ROSA, 2008, p. 40).

Aqui as semelhanças também são físicas e é o tempo quem se encarrega de aproximar o filho do pai. Mas é possível observar que, apesar disso, o filho se recusa em ficar parecido com o pai, dizendo que este estava diferente agora (“cabeludo, barbudo”, etc.), procurando assim afastar-se dessa figura “com aspecto de bicho”. A continuidade por meio da semelhança física com o pai é, em certa medida, negada pelo filho. Contudo, a presença do pai no filho é constante também no comportamento: “[...] sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: – *“Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...”*” (p. 40). Mas essas semelhanças nos trejeitos e nas atitudes também serão negadas posteriormente. Entretanto, essas afirmações podem atestar que, apesar do pai “ausente”, sua figura espectral ainda é quem rege a vida do filho: ele a vive em função daquele ser que navega rio acima, rio abaixo. A memória do pai está presente na casa e é isto que garante uma frágil continuidade.

A questão da continuidade em ATMR se apresenta muito próxima de LA. Ambas se inserem numa esfera simbólica. Enquanto no romance de Raduan Nassar, a lavoura é a imagem da continuidade, no conto será o rio. Tal constatação já foi feita por Walnice Nogueira Galvão ao afirmar que a continuidade em ATMR está na figura do rio, “recortada pela imagem da canoa que um só homem ocupa” (1978, p. 39). A canoa, por sua vez, é a pura imagem da descontinuidade, mas, paradoxalmente, também simboliza a continuidade, uma vez que o passageiro é sempre outro, nunca o mesmo. Assim, a canoa representa a morte, a descontinuidade diante da correnteza da vida, metaforizada pelo rio. Ambas as imagens se espelham, “modificadas, no tempo, que é lentíssimo como o fluir ininterrupto do rio, e na duração de uma vida humana, que é extremamente curta” (GALVÃO, 2000, p. 59).

Visto sob esse aspecto, o papel representado pelo filho é o de suceder o pai na canoa um dia, ou seja, o de um dia também morrer. É a continuidade através da relação pai/filho, filho/pai. Será diante da figura terminal do pai dentro da canoa, envelhecido pelos anos remando rio acima rio abaixo, que o filho se compadecerá e dirá: “*Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...*” (ROSA, 2008, p. 42). Seria este o momento em que o pai seria continuado pelo filho. A canoa mostraria sua faceta de descontínua quando aportasse na margem para que o pai descesse e o filho subisse. A partir daí a mesma canoa retomaria sua imagem de continuidade ao ser posta novamente nas “águas inflamáveis” (NASSAR, 1989, p. 184) do rio. Mas, conforme o pai assente ser substituído pelo filho, este recua em sua decisão e foge: “Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado” (ROSA, 2008, p. 42). É a recusa. É o medo da morte. O temor em entrar na canoa e enfrentar a correnteza do rio faz do narrador um fugitivo do fado, isto é, do destino. Conforme sublinha mais uma vez Walnice Nogueira Galvão, “tem-se que encarar a nossa vez de morrer, mas detendo a opção, não de não morrer, mas de não encarar a nossa vez de morrer. Esta última é a que o narrador faz” (1978, p. 39).

O filho foge de um encontro com a certeza da morte, procrastinando sua vez, recusando a ser o continuador do pai, pondo um ponto final na existência paterna e a si próprio, condenando-se ao opróbrio e a esterilidade: “Sou homem, depois desse falimento? Sou

o que não foi, o que vai ficar calado” (p. 42), dirá posteriormente. Será ele continuado, ou ficará para sempre “calado”? Calar é emudecer, o que podemos tomar como uma metáfora de uma morte solitária, evidenciada nas palavras finais do conto: “Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio” (p. 42). Ao enunciar “peguem em mim” o narrador deixa entrever que não será continuado ou substituído um dia na canoa. Por outro lado, podemos interpretar esta última vontade como uma forma de reencontro com o pai, mas, uma vez que a canoa é outra, tal reencontro é impossível. O filho, ao fugir inscreveu seu destino de não ser continuado por ninguém, posto não ter tido filhos – “Eu nunca podia querer me casar” (p. 40), afirma ele em momento anterior. E, no entanto, o rio permanece, ativo, sempre constante, como a vida.

### **Considerações finais**

Duas famílias e um mesmo destino: a descontinuidade. A perda do elo que os manteria vivos. O rompimento da relação pai/filho acaba por criar um abismo intransponível dentro do legado familiar, um hiato entre o passado e o presente, inexistindo a possibilidade de um futuro. Em LA o retorno de André para casa culmina com a morte de Ana, abrindo ferida profunda e sem cicatrização. Já em ATMR temos um filho que procura manter-se próximo ao pai, mas o nega em vários momentos, terminando por recusar em substituí-lo na canoa, imagem paradoxal da continuidade e descontinuidade.

Se no conto de Guimarães Rosa temos o rio como símbolo de continuidade, representando o fluxo perene do tempo e da vida, em LA é a lavoura quem simboliza tal continuidade. A atividade do trabalho (**labor**), aliada ao tempo, é quem determina o movimento renovador da família. O produto do trabalho, considerado como a menos perene das atividades humana, perdura somente o tempo de seu consumo ou deteriorização, conforme afirmação de Hannah Arendt (2010, p. 119). Assim também é a vida: ela se deteriora com o passar do tempo e o que lhe garante seguir é a promessa de uma eventual continuidade, assegurada por meio da prole. Sem ninguém para lavar a terra e plantar, a lavoura se torna estéril, infértil. Por sua vez, a canoa sem ocupante de ATMR vagará rio a fora, perdendo-se em sua correnteza infinita. Quando o filho não se

presta a seguir o modelo paterno, o que se vê é a pura imagem da descontinuidade, a morte da continuação de um legado ou de uma tradição, instalando uma “tradição da ruptura”.

Dessa forma, a lavoura e o rio, imagens especulares da continuação, são negadas. A lavoura cultivada a partir de então por André será estéril, híbrida, incapaz de gerar frutos e sementes. Por sua vez, o rio, ao ter outra canoa a singrá-lo não verá nesta uma continuação, mas somente a descontinuidade, posto a canoa ser única, assim como seu ocupante (individual), que nunca poderá ser substituído. As semelhanças e os laços de sangue não foram (e não são) capazes de garantir a continuidade de um clã. O que se mostrou determinante nas duas narrativas abordadas foi a vontade dos filhos, não a dos pais.

Por outro lado, a recusa em seguir os passos trilhados pelo patriarca, retribuindo-lhe o amor devotado, faz do filho um ser atormentado e paralisado pela culpa, ficando impotente para realizar qualquer projeto de vida. Com efeito, esse filho não terá descendência, não será e não quererá ser continuado – lembrando o narrador machadiano Brás Cubas ao encerrar seu relato dizendo: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. Portanto, se o que nos protege da morte é a geração posterior, ao não ter filhos, estamos fatalmente sujeitos a (des)continuar, a não ter mais existência. Em outras palavras, estaremos fadados a (des)aparecer, uma vez que, ter filhos nem sempre significa ser continuado!

### **Referências:**

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Do lado de cá. In: \_\_\_\_\_. *Mitológica rosiana*. São Paulo: Ática, 1978. p. 37-40.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha, 2000.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 3. ed. rev. pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: \_\_\_\_\_. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. p. 36-42.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

Recebido em 31/03/2011  
Aprovado em 25/05/2011